

América Latina quer crescer, com ou sem democracia

Geografia

Enviado por: Visitante

Postado em:19/06/2010

“A democracia é a pior forma de governo, com exceção daquelas outras que têm sido experimentadas de tempos em tempos.” A frase de Winston Churchill pronunciada no Parlamento inglês em 1947 é um mantra. Num questionário aplicado em 2009 pela ONG chilena Latinobarómetro em 19 países latinos, 76% disseram concordar com ela.

Mas uma em cada seis pessoas ouvidas aceitariam regimes autoritários em troca de mais desenvolvimento econômico. Apesar de quase todos os países terem experimentado ditaduras, o resultado é homogêneo, de Honduras ao Chile. A Paraná Pesquisas fez a mesma pergunta aos curitibanos a pedido da Gazeta do Povo. O resultado foi ainda mais chocante: quase um em cada três entrevistados trocava democracia por vantagens financeiras. O curioso é que, para alguns especialistas, as duas coisas andam juntas. “A economia de mercado, com segurança jurídica e garantias de direitos individuais só existe na democracia”, diz o doutor em Direito Internacional e professor do Instituto Rio Branco Jorge Fontoura. Ele questiona se os curitibanos que responderam à pesquisa reconheceram o autoritarismo da ditadura. Com efeito, mais de 60% dos entrevistados têm menos de 45 anos, ou seja, tinham menos de 20 anos em 1985, quando José Sarney assumiu como primeiro presidente eleito, ainda que indiretamente, após o golpe de 64. “Talvez, na Argentina, a resposta fosse diferente, já que lá a lembrança do regime militar é mais amarga”, compara o cientista político da Universidade de Brasília David Fleischer. Para outros analistas, a resposta não é alarmante. O peruano naturalizado brasileiro Hugo Meza Pinto, economista da Faculdade Santa Cruz, considera o resultado mero retrato da urgência com que os brasileiros veem o desenvolvimento. “Não levaria muito a ferro e fogo essa resposta porque, nos últimos 15 anos, vivemos uma democratização importante”, diz. Ele cita o Chile como exemplo. “Nos últimos 25 anos, houve um processo bem-sucedido de fortalecimento das instituições, e isso sem alterar as bases da política econômica.” Infelizmente, há exemplos contrários. “Venezuela, Bolívia e Equador têm uma perspectiva de desenvolvimento frustrada”, diz Meza Pinto. A centralização de poder e frequentes expropriações tornam o ambiente desses países cada vez mais inóspito para o investimento externo. “O que está mais ameaçado na Venezuela são as liberdades individuais”, diz o professor de ciência política da Faculdade de Direito da UFPR Fabrício Tomio. Fonte: Gazeta do Povo Publicado em 13/06/2010. Todas as modificações posteriores são de responsabilidade do autor do texto.